

# Relatório de uma visita de estudo: A escola da rua Vitruve ou a pedagogia por projectos (\*)

LINA MORGADO (\*\*)  
LUÍS NUNES DA SILVA (\*\*)

## I

Situada num velho bairro popular no leste de Paris (20.º), intimamente ligada à sua história, a escola da Rua Vitruve traduz bem a realidade circudante duma população predominantemente proletária onde a emigração, distribuída entre árabes, portugueses, jugoslavos e sul-americanos antige os 30 %, vivendo num contínuo vai-vem, numa zona em que renovações imobiliárias recentes provocam ainda mais desequilíbrios.

No topo da rua, a praça da Reunião, coração do bairro, é centro de animação daqueles que em dia de bom tempo e horas de lazer vêm ali tomar ar, jogar e conviver, ou ainda em manhãs de 5.ª feira e domingo se abastecem no mercado em redor.

Velhas casas, insalubres, prestes a demolir, escondidas nos impasses, habitadas sobretudo por emigrantes, coexistem com prédios mais recentes onde reside a classe média francesa, ou com os grandes blocos em betão em estilo «moderno», só acessíveis aos

jovens quadros. Ao seu lado, os botequins, cafés de esquina e pequenos restaurantes árabes dão ao conjunto uma atmosfera algo diferente, onde especiarias, odores, trajos e semblantes nos reenviam para um mundo outro.

A mutação do bairro tem sido muito rápida. Gruas dominam a paisagem, e os habitantes desalojados são empurrados para os arredores da cidade, onde ainda é possível habitar numa casa...

Edifício de 2 andares, tipo caserna em tijolo, de fachada triste onde se lê a inscrição: Liberdade-Igualdade-Fraternidade, ostentando ao vento a bandeira francesa, a escola apresenta-se exteriormente como tantas outras.

Entrámos, esperando encontrar as crianças nas salas, aulas a funcionar...

Ficámos surpresos! Parecia reinar ali a confusão. Crianças que sobem e descem a escada, alguns apressados, com ar decidido e olhar indiferente, outros brincando... Abundam cartazes com letra rudimentar anunciando a próxima venda de bolos no mercado, o aluguer de jogos e brinquedos, uma troca de roupas e um alerta para a escuta do «Rádio Expresso do Mundo Vitruviano». Aventurámo-nos pelos corredores e espreitámos as salas de portas abertas, janelas es-

(\*) Experiência realizada na sequência de contactos a partir do Seminário sobre Pedagogia Social e Modernas Experiências Educativas organizado pelo ISPA em Setembro de 1980.

(\*\*) Alunos do 3.º ano do ISPA.

guias e tectos altos, onde um sem número de actividades se desenrolavam. Catherine, de olhos vivos e face rosada interpela-nos: «Quem são vocês?» Somos... «Querem entrar?» E sem esperar pela resposta junta-se a uma colega que lê um livro aos quadrinhos.

Ficámos uns dias a tentar perceber o que ali se passava.

## II

A escola primária de Vitruve foi até 1962 uma escola como as outras. Frequentada por uma população na sua maioria proveniente de classes populares, totalmente inadaptada à instituição escolar, perante a qual mantém uma atitude agressiva e hostil.

As crianças do bairro não eram daquelas que dão aos seus professores a «doce alegria do dever cumprido», juntando-se à sua violência a ineficácia de todo o trabalho pedagógico. Os professores cedo pediam transferência, livrando-se daquilo a que começou a chamar-se o seu «purgatório», local de passagem que na época detinha o recorde de insucesso escolar da região parisiense.

Face à situação caótica ali vivida, Robert Gloton, inspector escolar da zona e membro do *Grupo Francês Educação Nova*, decide abrir em Vitruve dez classes experimentais, mistas, não contando cada uma mais de 25 alunos e confiadas a professores voluntários. Inicia-se assim todo um processo de pesquisa pedagógica que irá permitir através de métodos activos, de novas relações professor-aluno neutralizar o insucesso escolar. As reflexões internas caminham a par dos acontecimentos exteriores, realçando as influências quer do Maio de 68, quer dos grevistas da LIP, as contribuições da psicologia e sociologia, certas experiências pedagógicas, as mutações do bairro, a participação dos pais na escola. Tudo contribui para a *renovação progressiva* de métodos e técnicas numa equipa de professores com uma *forte dinâ-*

*mica e coesão*, dando origem pouco a pouco a um *colectivo* que assegura a organização global da escola. Contudo, apesar das *performances* das crianças serem melhoradas, não são suprimidas as desigualdades existentes entre elas. O colectivo de Vitruve chega então à conclusão que *o problema ultrapassa o plano pedagógico, e que não é melhorando o sistema escolar que se pode suprimir a selecção*. A escola existe como tal para perpetuar essa selecção que nasce da desigualdade social e cultural, e que não coloca à partida uma criança das classes populares na mesma situação que uma outra doutros extractos sociais.

Por isso, a partir de 1975, a equipa adopta uma dinâmica de funcionamento por *projectos*, em que o que é posto em causa não é só já um conjunto de aspectos educativos, mas fundamentalmente a instituição escolar e os seus objectivos.

A proposta dos projectos passa pela *abolição da estrutura-classe*, pelo encontrar uma vida de grupo real, modificar a imagem do professor sabe-tudo, líder, modelo e juiz de conhecimentos, e da criança dócil passiva e maleável. Abrir a escola totalmente ao exterior, relacionar-se com os diferentes grupos sociais e culturais internos e externos, banir as estruturas habituais de segregação e selecção — as classes, os chumbos, as classes especiais para inadaptados... e no essencial substituir a especulação intelectual pelo recurso a práticas concretas.

A primeira experiência de projectos é realizada durante todo o ano escolar. Um grande grupo escolheu fazer um circo — o «Circo Estrelado». Pôs em acção a sua montagem, fez os contactos necessários, e ei-los na Primavera partindo em digressão de 5 semanas pelos Pirinéus, apresentando o espectáculo de aldeia em aldeia. Foi uma experiência singular que é relatada em livro, escrito em parte pelas próprias crianças (1).

Consolidado o novo funcionamento, entendidos os projectos a toda a escola, o tra-

balho em grande grupo é todavia abandonado pela dificuldade de nestes moldes todos terem um papel activo. A espectacularidade do grande projecto é preterida a uma maior possibilidade de trocas a todos os níveis, embora em termos de eficácia os resultados fossem equivalentes. Deste modo tenta evitar-se possíveis cisões que em geral nada trazem de positivo.

Entretanto, as aulas no sentido tradicional do termo dão lugar a pequenos momentos de sistematização, tendo em vista os projectos em curso. É um tempo privilegiado de discussão, entre meia hora a 45 minutos, onde o grupo aferindo o seu ritmo, as suas potenciaidades, faz o ponto da situação das aquisições com vista a uma nova etapa. Também a estrutura-classe é substituída por pequenos grupos, reunidos em torno de projectos que escolhem e desenvolvem, onde as crianças se encontram agrupadas *não por nível de aquisição de conhecimentos* mas por referência à sua idade cronológica.

Os projectos devem ser financeiramente autónomos, constituir *uma verdadeira produção de bens ou serviços úteis ao exterior, reconhecida como tal pelos outros*. Saindo fora do contexto escolar eles não são uma melhor adaptação da criança a um universo fechado sobre si mesmo, que contrasta com a realidade vivida no exterior. A aprendizagem intelectual passa a segundo plano. O objectivo não é já aprender, mas aprender fazendo. Através de actividades por si escolhidas as crianças aprenderão a ler e calcular e também a ser elas próprias responsáveis, autónomas e independentes. Regras de conduta são também definidas colectivamente, algumas evoluindo ao longo do tempo e dos projectos, outras elaboradas pelos adultos. Tal facto não lhes é escondido e só assim é possível a cada um situar-se face aos outros. Deste modo as crianças adquirem um estatuto diferente onde jamais são um ser protegido passivo e alheado do que o rodeia.

Elas preferem a escola assim: — «Faz-se projectos. É mais interessante como trabalho porque somos nós que decidimos o que se faz. Assim ninguém se aborrece.»<sup>(2)</sup>

Vejam como tudo se passa no dia a dia ...

### III

Em qualquer sala reina o movimento e o ambiente vivo e alegre traduz o prazer de se estar ali.

Projectos distintos com ritmos diferentes funcionam simultaneamente. Cada pequeno grupo reparte-se por múltiplas tarefas que vão surgindo no dia-a-dia, ultrapassando obstáculos quase todos imprevisíveis com os quais a todo o momento se deparam. Cada dois professores tem um grupo de 50 crianças, duas salas que se intercomunicam por porta interior e a ajuda dos intervenientes que diariamente aparecem na escola. São pais que têm uma manhã livre, estagiários que vêm duas tardes, pessoas do bairro que dispõem de algum tempo para animar a biblioteca ou participar noutras actividades de ocasião.

A nossa presença foi acolhida com naturalidade. Integrados nos grupos CE<sub>2</sub> (Cours élémentaire — 8/9 anos) e do CM<sub>2</sub> (Cours moyen — 10/11 anos), logo começámos a ser solicitados. Aqui é impossível ser-se espectador. As crianças vêm no adulto alguém a quem podem recorrer a todo o momento, não hesitando em fazê-lo.

Participando pois, no desenrolar dos acontecimentos fomos progressivamente apercebendo da originalidade de semelhante empreendimento pedagógico.

No CM<sub>2</sub>, o grande objectivo era a publicação dum livro de histórias. O que implicará a sua realização? Primeiro, que se inventem as histórias ... e só esta tarefa desdobrar-se-á em inúmeras outras: inventário dos temas possíveis, discussão, selecção, idealização dos conteúdos, dramatiza-

ção, tudo isto tendo em vista o texto a ser escrito individual ou colectivamente. Depois, deverão ser corrigidos, comentados pelos outros, ilustrados por alguns, escritos à máquina. Mais tarde surgirão os problemas relacionados com a impressão: que técnica escolher, como financiar o projecto.

Normalmente recorrem a mini-projectos de lucro imediato: fazer sandwiches para vender na escola ou bolos e doces para vender à 5.ª feira no mercado. E surgem novas tarefas, como a recolha das receitas, o cálculo das quantidades, contabilização das despesas, lucros...

O teatro foi também um projecto que assegurou a obtenção de mais alguns francos, para o financiamento dum outro. Por outro lado, aqueles que tinham passado o Carnaval na Holanda, trabalhavam agora nos materiais recolhidos e iam confrontá-los com as festas carnavalescas de outras regiões para onde iriam partir. Como todos os outros projectos, este implicaria também a multiplicação em muitos outros.

Outro grupo do CM<sub>2</sub>, trabalhava em torno do projecto jornalismo. Por quase todas as salas se distribuíam jornalistas que faziam um levantamento do que nelas se passava, como se trabalhava, com que métodos... É também neste projecto que se insere a rádio, em cujas emissões diárias é possível escutar músicas, reportagens, anedotas, entrevistas... Embora o projecto rádio seja dum grupo dos CM, é aberto à colaboração de todos os outros grupos. E é assim que quando um deles participou na escolha do programa musical, um «jornalista» logo o critica, por ter seleccionado uma música «demasiado sexual».

Contudo, apesar de recente, a experiência da rádio vai entusiasmando aqueles que a fazem e a própria escola.

No CE<sub>2</sub> vários projectos estavam a decorrer: arranjo e decoração da sala, visitas, cine-clube, banda desenhada, receitas, jogos e brinquedos.

O projecto cine-clube nasceu da saturação dos filmes já vistos pela escola. Nasce assim a ideia de avançar e abrir o projecto à comunidade. Logo surge um grupo que se oferece espontaneamente para dar os primeiros passos. Há que estender a ideia a toda a escola, arranjar possíveis colaboradores, calcular o preço das sessões face aos custos de aluguer. A rádio Vitruviana encarregar-se-ia de dar a notícia e de interrogar os possíveis interessados. É apenas o início.

Na semana anterior um grupo visitara uma fábrica de caramelos. Tinham-se reunido à volta deste projecto pelo interesse manifestado por todos em saberem como eram feitos. Agora era o tempo de relatarem o que tinham visto, partilharem a experiência. Dois a dois tinham escrito no caderno as questões mais importantes a serem apresentadas. Era necessário seleccioná-las, pô-las por ordem, corrigir a sua formulação, preparar o debate.

Entretanto os projectos de banda desenhada e receitas iam avançando. Num inventam-se histórias que é necessário desenhar, escolher as melhores para depois editar. Outro, pesquisam-se primeiro as receitas típicas, desde o «coucous» árabe à «boula» portuguesa passando pelos crepes bretões. Depois as receitas serão experimentadas, redigidas, corrigidos os erros e por fim passadas a stencil. A publicação quer da banda desenhada quer dum possível livro de receitas era o objectivo final, possibilitando também um contributo financeiro para o projecto anual dos CE<sub>2</sub>.

O arranque financeiro dum projecto depende do empréstimo dado pelo banco da escola. Este é gerido por um conselho de banco constituído por crianças de várias idades e um adulto, em sistema rotativo. O dinheiro do banco provém de serviços prestados ao exterior pela equipa de professores. Para o financiamento de projectos, é regra a apresentação em dossier detalhado da justificação do investimento e formas de

o reembolsar. Por outro lado, existe um tesoureiro em todas as classes que contabiliza o dinheiro do grupo. No CE<sub>2</sub> por exemplo, tinha sido demitido das suas funções por ter gasto 17 francos em proveito próprio. O grupo decide que seja reposto o dinheiro num prazo de oito dias e se tal não acontecesse tomar-se-iam medidas drásticas.

Após o prazo estabelecido o dinheiro não aparece. Alguns são de opinião vender-se uma peça de vestuário do tesoureiro para compensar a caixa. Geram-se tensões. Avaliam-se as peças de vestuário. Uma é-lhe confiscada. Fica decidido pelo grupo informar os pais das decisões tomadas.

Assim se vão tomando decisões colectivas pois são as próprias crianças que têm a palavra.

O projecto «jogos e brinquedos» consiste na fabricação para aluguer e posterior venda dos mesmos; ao mesmo tempo será um suporte financeiro. Para além do fabrico será necessário fazer publicidade das regras de aluguer, elaborar contratos, contabilizar o dinheiro...

*Todas as actividades da escola têm a sua utilidade.* O interesse de cada um pelo que se faz depende das circunstâncias podendo até o recreio ser esquecido quando se vive algo intensamente. Neste caso se se tem pena de abandonar o que se está fazendo é melhor propor: «os professores não deviam ir lá fora»!

A realização dos diferentes projectos implica o trabalho colectivo em grupos autónomos, que realizam as suas tarefas simultaneamente. É importante que o trabalho seja mesmo colectivo e que seja depois partilhado com os outros companheiros. «Para se estar só, pode-se trabalhar em casa». Apesar de tudo o tempo de leitura é comum.

No CE<sub>2</sub> tinha-se chegado à conclusão que a leitura necessitava de um reforço. Daí que diariamente após o almoço e durante meia-hora o tempo lhe fosse exclusivamente dedicado. Uns lêem para si, outros

a dois, alguns em silêncio, outros ainda em voz alta tentando com a ajuda da imagem decifrar as palavras que mal conhecem. Há quem prefira a ajuda de um adulto. Contudo é possível ir regularmente para a biblioteca da escola onde alguém está sempre pronto a uma ajudinha.

Tudo é permitido desde que se respeitem as *regras criadas colectivamente*. O papel do adulto é no essencial fazê-las respeitar mesmo que isso implique constrangimentos para alguns e os pequenos balanços que se fazem são espaço favorável ao crescimento: *realçar os momentos positivos e negativos, fazer surgir as contradições, desbloquear as tensões*, são tarefas fundamentais. A punição se é que existe não é utilizada ou melhor, é-o apenas quando se prevê que possa produzir resultados positivos. É o caso dum grupo que chega atrasado à escola quando já decorriam os trabalhos da manhã. Convidados a escrever as razões do seu atraso fomos encontrá-los a um canto procurando insistentemente no dicionário como se escreve despertador...

#### IV

Um dos projectos escolhidos pelo CE<sub>2</sub> é de certo modo ambicioso. Trata-se de fazer as classes verdes em Portugal. Mas que significa isso? Significa partir durante 20 dias para uma zona previamente escolhida e contactada e explorá-la na sua vida própria, costumes e tradições.

Em França é comum as classes escolares saírem da sua região por algum tempo e fazerem classes de neve, praia ou campo, contactando por vezes com outras escolas.

As classes verdes em Vitruve aparecem-nos como o lugar privilegiado das aquisições. Intimamente ligadas aos projectos que anualmente são desenvolvidos assumem um papel diferente do habitual.

Implicam uma vida colectiva organizada e assumida pelas crianças, desde a planifi-

cação geral antes da partida, procura de subsídios e o financiamento pelos mini-projectos até à realização das actividades de contacto, gestão financeira, ... surgindo no fim os pequenos livros-relatório onde se conta as experiências vividas, as descobertas realizadas.

As classes verdes permitem o confronto com realidades diferentes e a melhor compreensão do mundo próprio pela distanciação que exigem, da vida quotidiana. Foi assim que um grupo ao ir para regiões rurais de interior, completamente abandonadas, descobre pelo que vê e apoiado em inquéritos aí realizados toda a destruição de aldeias inteiras em nome do «progresso», trabalhadores agrícolas vivendo em péssimas condições, ... A partir daí foi possível por exemplo no caso de crianças árabes, saírem do silêncio e pela primeira vez terem a coragem de falar das suas próprias condições de existência, de falar nos seis irmãos que vivem num só quarto... Em Paris isso seria impossível.

A tomada de consciência das diversas formas de vida leva também à acção. As crianças passam a redescobrir o seu bairro, interessam-se pela sua história e problemas, realizam exposições, orientam debates sobre habitação, a destruição de toda uma vida colectiva.

Este ano serão as crianças capazes de levar o seu grande projecto até ao fim? Elas acreditam que sim apesar das dificuldades surgidas quer no plano económico quer quanto à permissão dos pais. É curioso verificar que são precisamente os pais portugueses que mais põem entaves a estas saídas dos filhos. Trata-se decerto dum problema cultural! Porque a escola é em si mesma veículo de transmissão da cultura dominante, muitos dos conflitos internos derivam directamente do jogo dominância/submissão entre padrões culturais diferentes.

Em Vitruve, sentindo-se este problema muito de perto dadas as características da

sua população escolar tem-se procurado ultrapassá-lo através do chamado *projecto intercultural*. Quer a cultura quer a língua de origem das várias crianças em presença é ensinada por professores da nacionalidade, a todos que o queiram. Pouco a pouco a cultura francesa perde a supremacia. As crianças emigrantes passam a poder exprimir-se e existir como o fazem no interior da sua própria família. Já não têm só algo a receber mas muito para ensinar. Começa-se a aprender a escrever árabe, a cantar em português ou a cozinhar receitas jugoslavas. As barreiras culturais vão caindo e já é possível perceber porque é que o rapaz árabe se recusava a trabalhar com raparigas. As culturas em presença ficam enfim num plano igual em que valorizando a cultura se valoriza ao mesmo tempo a criança. Poderá finalmente falar-se em igualdade?...

## V

Poder-se-á perguntar como e porquê aprendem as crianças em Vitruve?

A escola tradicional, preparando a criança para o futuro, faz dela um ser receptor cujas capacidades intelectuais têm lugar primordial nas aprendizagens. A criança recorre parcialmente às suas energias, mobilizando-as num processo de que muitas vezes não compreende o sentido e do qual não é responsável. A relação professor-aluno cria nela uma atitude de dependência, factor entre outros que contribui para o perpetuar do seu estado de «infantilização».

Em Vitruve todavia, algo de radicalmente diferente se passa.

Por um lado, são as situações que a criança vive que «forçam» as aprendizagens. Todo o trabalho pedagógico é orientado para criar possibilidades de a criança escolher e realizar colectivamente um projecto novo que faça apelo quer a conhecimentos teóricos-práticos já adquiridos quer

a energias capazes de superar situações concretas. O momento de agir é antecipado!

Perante problemas que lhe surgem no imediato e já não no futuro, perante a *necessidade* de os ultrapassar, a criança *aprende a «desenrascar-se»*. Torna-se um ser activo agindo sobre as realidades internas ou externas à escola-edifício, integralmente apostado em tarefas de que compreende a necessidade.

Aprende não para aprender mas para fazer, fazendo.

«O projecto “romance fotográfico” ensinou-nos a reflectir, a representar um papel de actor, a fazer fotografias, a escrever, a organizar-se, a trabalhar, a procurar num dicionário as palavras que não conhecíamos, a ler o jornal, a calcular, a apresentar um dossier ao conselho da escola.»<sup>(2)</sup> Daqui resultou a publicação de «*Le livre hors de la loi*».

De notar ainda a diversidade de maneiras de aprender a par da liberdade de escolha de cada um.

*Na leitura por exemplo, são permitidas todas as estratégias*, desde que a favoreçam. Não está em causa este ou aquele método e cada um utiliza o caminho que lhe der mais jeito e prazer. Muitas vezes, após um longo tempo de tentativas, aprende-se de um momento para o outro. Na sala, livros e fichas de auto-correcção estão sempre à disposição. Estas são muito utilizadas no que diz respeito ao cálculo.

A escrita desenvolve-se mais rapidamente pelo recurso constante a anúncios e cartazes. Se as dificuldades maiores dizem respeito aos erros, a utilização do dicionário soluciona-as, embora de início muitos se percam no meio de tanta palavra. A reescrita de textos até estarem correctos é outra forma utilizada.

Importa acima de tudo o gosto que cada um põe no que faz.

Mas se a criança age por prazer, será que vai atingir as metas mínimas que a instituição escolar lhe exige?

Compete ao adulto criar condições para que isso aconteça. O colectivo de professores garante que ao terminar a primária as crianças têm as aquisições fundamentais.

Momento a momento elas são avaliadas não pelo nível de conhecimentos mas pela sua *atitude face a*. «É com isso que nos preocupamos» diz-nos Laurent que acrescenta: «não se pode prever quando a criança aprenderá tal ou tal coisa, mas se tiver uma atitude activa decerto que vai ter êxito e o momento surgirá... E não é preciso dizer-lhe que tem necessidade de aprender a ler, a escrever um texto, a calcular. Ela sabe que a sociedade o exige, a começar pelos próprios pais».

Por outro lado, aqui a criança tem em mão mecanismos que lhe permitam o *controlo das aprendizagens*: balanços periódicos (por projecto, semanais, diários...), dossier de controlo para apresentar aos pais e fundamentalmente o confronto consigo própria, com os adultos ou com os companheiros, através da discussão e vivência de experiências de organização colectiva. Os pais participam também neste processo sendo convocados regularmente e em pequenos grupos para reuniões de informação-avaliação. Nestes encontros, por vezes orientados pelas próprias crianças, os filhos explicam tudo o que têm feito, as dificuldades que surgiram e o que pensam ter aprendido. Esta experiência no modo de ver do colectivo de professores tem trazido resultados compensadores.

A coordenação de todas as actividades da escola é assegurada em cada ano por um professor diferente tendo em vista uma maior eficácia das práticas de cada um e a harmonização das várias actividades. Além disso o colectivo reúne-se pelo menos duas vezes por semana, uma para tratar de assuntos de carácter administrativo e outra para questões pedagógicas. Aqui são reflectidas desde as grandes linhas de orientação até aos problemas do quotidiano. É um trabalho de confronto que se pretende profundo e

que apenas diz respeito à equipa. Interrogados sobre o porquê desta exclusividade que contrasta com todo o clima de abertura que se vive, foi-nos argumentado tratar-se de evitar possíveis clivagens que permitam «os que pensam e os que põem em prática». «Aqui não há teóricos, nem queremos um líder pensante», disseram-nos...

## VI

Finalmente, que resultados esperar de semelhante experiência pedagógica?

Embora ainda seja cedo para se tirarem conclusões pode dizer-se que já não se trata de uma experiência mas de uma vivência consolidada, que depende da militância de quem a vive.

Num estudo comparativo recentemente efectuado num estabelecimento do secundário existente no mesmo bairro, procurando avaliar o comportamento escolar das crianças vinda da escola da rua Vitruve, ressaltam todavia algumas indicações:

— constatou-se não ter havido reprovações durante aquele ano.

— nas cadeiras principais — Matemática e Francês — verifica-se uma distribuição equitativa das crianças por três escalões: na média, sensivelmente acima e abaixo da média.

— em relação a crianças vindas de outras escolas, a linguagem é formalmente menos elaborada mas mais profunda de conteúdo. Pelo recurso constante à palavra as crianças de Vitruve privilegiam a oralidade mais do que a escrita;

— particularmente activos e cooperantes participam sem problemas nas actividades da escola. Contrastam significativamente com outras crianças no que respeita à permanência na escola para além do horário das aulas, sendo dos poucos que intervêm em todas ou quase todas as actividades extra-aulas.

Como podem então estas crianças com um passado escolar tão diferente revelar semelhante adaptabilidade à escola?

Parece-nos poder afirmar uma certa plasticidade da pedagogia por projectos que confirma a originalidade de métodos radicalmente inovadores mas que não criam crianças marginais à escola.

Vantagens ou desvantagens de ser assim? Deixamos a questão em aberto.

## REFERÊNCIAS

- (1) «En sortant de l'école...» — un project réalisé par des enfants de la rue Vitruve — Casterman, Paris, 1978 (\*).
- (2) «Le livre hors de la loi» — project «roman photo» de la rue Vitruve (\*).

## OUTRAS REFERÊNCIAS

- «La soupe et les nuages» des CM de l'école Vitruve (\*)
- «Vitruve et ses enfants "producteurs"», in *Autrement*, n.º 10/77.
- «Vitruve, une école perpendiculaire...», in *Autrement*, n.º 10/78.

---

(\*) Publicações da autoria quer das crianças quer do colectivo de professores da escola da rua Vitruve.